

**ESCRITAS DE SI, MEMÓRIAS
E NARRATIVAS: O OFÍCIO
DE MERCADOR EM FONTES
AUTOBIOGRÁFICAS
(FLORENÇA, SÉCULOS XIV E XV)**

MARIA DAILZA DA CONCEIÇÃO FAGUNDES* 
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, GOIÁS,
GOIÂNIA, BRASIL

CLEUSA TEIXEIRA DE SOUSA** SECRETARIA DE 
EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS, GOIÁS,
GOIÂNIA, BRASIL

RESUMO

Este artigo propõe o estudo acerca do ofício dos mercadores em Florença a partir da análise de escritos autobiográficos produzidos no início do século XV. Nos diários de Gregorio Dati (1362-1435) e de Buonaccorso Pitti (1354-1430), fontes em estudo, os autores dos relatos são narradores e ao mesmo tempo personagens. Essa tipologia de documento histórico que envolve a escrita de si é uma importante fonte que nos permite compreender o contexto histórico, social, familiar e as referências culturais do narrador. No trabalho proposto, o foco centra-se na investigação acerca das visões produzidas pelos mercadores sobre a propriedade no mundo urbano.

Palavras-chave: Mercadores; Florença; propriedades.

ABSTRACT

This paper proposes to study the trade of merchants in Florence through the analysis of autobiographical writings produced in the early 15th century. In the diaries of Gregory Dati (1362-1435) and Buonaccorso Pitti (1354-1430), the sources under study, the authors of the accounts are both narrators and characters. This typology of historical document involving the writing of the self is an important source that allows us to understand the historical, social, family context and the cultural references of the narrator. In the proposed work, the focus is on the investigation about the visions produced by merchants about property in the urban world.

Keywords: Merchants; Florence; properties.

* Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Docente no curso de História e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP) da Universidade Estadual de Goiás. É membro do grupo de pesquisa CNPq LUPA – Lugares e Patrimônios e do Núcleo Interdisciplinar Clássicos na Educação: Antiguidade e Medievalidade (NICE). E-mail: maria.fagundes@ueg.br.

** Cursa pós-doutorado em História pelo ProfHistória da UFG; é doutora em História com estágio na Universidade de Coimbra – Portugal (FLUC). Professora de História da Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEE-GO). Pesquisadora do Centro de História Sociedade e Cultura da Universidade de Coimbra (CHSC-FLUC). E-mail: cleotsou@gmail.com

INTRODUÇÃO

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. Porém esse comentário ainda é difuso, e demasiadamente grosseiro. Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? [...] um acontecimento vivido é finito, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve com rigor, o modo da textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação².

Este artigo³ tem por proposta refletir sobre a escrita de si e os relatos autobiográficos articulados às trajetórias e às visões de dois mercadores, *Gregorio Dati* (1362-1435) e *Buonaccorso Pitti* (1354-1430), acerca de seu ofício na cidade de Florença, Itália. Propõe-se estudar essa relação a partir de obras classificadas como relatos de vidas. Para tanto, considerar-se-á dois eixos temáticos de investigação que estão interligados com as problemáticas norteadoras da pesquisa: 1) a análise do processo de construção da narrativa nos diários de mercadores florentinos; 2) o estudo sobre as visões dos mercadores acerca do trabalho no mundo urbano. Destarte, essas abordagens **têm em comum e como fio que une e constitui-se em objeto de análise o estudo de documentos autobiográficos a partir da relação entre História, memórias e narrativas.**

A impotência do acesso às memórias espontâneas nos chama a atenção para a relevância desse tipo de escrita por meio dos registros de memórias em diários, em que seus autores registram suas próprias histórias — história de si — para evitar que o passado seja esquecido. Desse modo, esse tipo de escrita, narrada em primeira pessoa, torna-se um meio para o estudo da história e da memória de outrora. Nesse sentido, especialistas do tema, como Pierre Nora, salientam que a elaboração e a execução dos registros orientados pela lógica da necessidade de se “criar arquivos, manter as comemorações de aniversários, organizar celebrações de Eventos, pronunciar honras fúnebres, estabelecer contratos”⁴, bem como redigir diários e diversas outras formas de documentar os fatos, são atividades eficazes para garantir a possibilidade de serem acessados no futuro. Haja vista que o objetivo de empreender tais operações consiste na criação de subsídios favoráveis à rememoração desse passado baseado na análise dos registros de memórias de cada período num futuro próximo ou mais distante. Como enfatiza Jacques

2 BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 37.

3 Este artigo é parte dos resultados obtidos com o projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás, intitulado “História, memórias e estudos autobiográficos”.

4 NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. p. 13.

Le Goff⁵, esse tipo de registro favorece para que o homem atualize suas impressões e/ou informações do passado no seu tempo presente. Os registros de memórias, das mais diversas naturezas, consubstanciam-se como a presentificação do passado.

Há um conjunto significativo de produção acerca da escrita de si ou de estudos autobiográficos em que na narrativa, escrita em primeira pessoa, o autor é também narrador e personagem principal. Dentre esses, destacam-se os trabalhos⁶ da Ângela de Castro Gomes, Jaume Aurell, Giovanni Levi, Philippe Lejeune, Diana Irene Klinger, Sabrina Loriga, Jeanne M. Gagnebin etc. A contribuição original do presente artigo é a verticalização da abordagem da escrita de si para a análise de documentos autobiográficos de mercadores florentinos do início do século XV.

Dessa forma, a pesquisa tem como foco a análise centrada nos relatos presentes em dois documentos autobiográficos, compostos no início do século XV. O Diário de Gregorio Dati está estruturado em um prólogo e 14 capítulos e relata fatos de 1384 a 1427. Quanto à estrutura, a obra de Buonaccorso Pitti não apresenta divisões, mas o autor indica ao longo do escrito as datas para cada acontecimento relacionado à sua vida, de 1374 a 1422. Nesse tipo de documento — diários — prevalece a escrita cotidiana marcada por uma “série de vestígios datados [...] É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário [...] Mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós”⁷.

Tratam-se de dois escritos de autores contemporâneos que exerciam o mesmo ofício e eram naturais da mesma cidade, o que os tornam fontes com possibilidade de estudos comparativos. Em relação ao método comparativo, Marc Bloch afirma que no processo de comparação deve-se escolher “dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar analogias entre si, descrever as curvas de sua evolução, encontrar semelhanças e diferenças e, na medida do possível, explicar umas e outras”⁸.

5 LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 423.

6 GOMES, A. C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. C. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004; AURELL, J. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. *História*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 340-364, 2014; LORIGA, S. A tarefa do historiador. In: GOMES, A. C.; SCHMIDT, B. B. (org.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009; LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006; LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008; KLINGER, D. I. *Escritas de si, escritos do outro*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007; GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

7 LEJEUNE, 2007, p. 259; 261; 262.

8 BLOCH, M. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: BLOCH, É. (org.). *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. p. 22.

Nas narrativas de Dati e Pitti, apesar de mencionarem vários locais ligados a suas atividades comerciais, a cidade de Florença é o palco principal de atuação dos dois mercadores e polo central das viagens. Assim, os diários em estudo são fontes que possibilitam as investigações sobre o mundo urbano e os deslocamentos com interesses ligados às atividades comerciais.

Este artigo está estruturado em duas partes. Na primeira, almeja-se analisar o processo de narrativa em textos autobiográficos. Por último, propõe-se estudar nos relatos presentes nessas fontes de pesquisa a ótica dos mercadores relativas aos seus ofícios e aos campos de atuação no mundo urbano.

MEMÓRIAS E ESCRITA DE SI EM DIÁRIOS DE MERCADORES FLORENTINOS NO SÉCULO XV

Os diários de Gregorio Dati e de Buonaccorso Pitti são documentos autobiográficos nos quais os autores, da cidade de Florença, registraram os acontecimentos pessoais, familiares e também aqueles ligados ao ofício da mercancia em seu tempo. Em relação às características desses relatos, primeiramente se destaca o fato de suas narrativas serem impressas em primeira pessoa, em que o autor traça a narrativa e ao mesmo tempo participa dela como o protagonista da obra. Trata-se de um relato escrito por personagens individuais e a partir da rememoração de sua própria história. Além disso, identifica-se a seleção, organização e descrição das lembranças no processo de construção da memória relativa aos acontecimentos relatados. Essa tipologia de documento histórico que envolve a escrita de si ou o seu autorreferencial, assim como as cartas por exemplo, trata-se de fontes relevantes para o estudo da trajetória de vida de indivíduos inseridos em um grupo e preocupados em registrar suas memórias, que compõem suas histórias de vida.

Conquanto, como a “mão da bordadeira medeia e traduz, ao mesmo tempo, a relação entre linhas, agulhas, desenhos e concepções”, o historiador recorre às “regras, conceitos, métodos e a uma escritura, feita de estilos, gêneros, tropos, convenções”⁹. Nessa perspectiva, a narrativa histórica, a partir da pesquisa e da tessitura dos textos meneadas pelo historiador, envolve diferentes elementos ligados aos documentos históricos em estudo: o recorte espaçotemporal, aspectos sociais, culturais, institucionais, entre outros.

A esse respeito, considerando a tipologia dos documentos selecionados neste artigo, Benito Bisso Schmidt¹⁰ afirma que, no âmbito acadêmico, as propostas de estudo que envolvem

9 ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 32.

10 SCHMIDT, B. B. *História e Biografia*. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 195.

o gênero biográfico requerem a adoção de metodologias e formas narrativas próprias da pesquisa histórica. Do mesmo modo, a pesquisa sobre documentos autobiográficos deve partir da problematização dos fatos selecionados, bem como da leitura, interpretação e análise das referências teóricas e do cotejamento das fontes documentais que tratam do tema. Assim, compreendemos que

O historiador conta uma história, narra; apenas não inventando os dados de suas histórias. Consultando arquivos, compila uma série de textos, leituras e imagens deixadas pelas gerações passadas, que, no entanto, são reescritos e revistos a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos, o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador [...] O que se chama de evidência é fruto das perguntas que se fazem aos documentos e ao fato de que, ao serem problematizados pelo historiador, transformam-se, em larga medida, em sua criação¹¹.

Todavia, ao considerarmos a relevância de se problematizar os documentos deste estudo — os diários —, devemos nos atentar para o fato de que as questões norteadoras desta operação se relacionam de modo direto com as articulações entre memória e narrativa histórica. Além disso, deve-se ter em conta que o processo de escrita autobiográfica ocorre de modo sistemático em que o autor é o próprio narrador e também o protagonista de seus escritos. Quanto às fontes em estudo, a problematização centra-se no seguinte aspecto: como o ofício de mercador interligado à vivência na cidade de Florença aparece nos diários? No estudo, é necessário ainda compreender a subjetividade do autor na obra, para que a análise do texto autobiográfico seja ampla e diligente.

Nessa perspectiva, faz-se importante salientar que para comporem essas obras, ambos os mercadores pesquisados, Buonaccorso Pitti e Gregorio Dati, recorreram à seleção de lembranças dos acontecimentos que presenciaram, à memória individual, mas também aos relatos de outras pessoas que compartilharam das experiências narradas. É relevante elencar, ainda, que esse tipo de obra carrega consigo muito das memórias coletivas, em que seus autores recorrem também às lembranças de um grupo para comporem seus escritos, fazendo alusão à coletividade. Desse modo, percebe-se que as obras ganharam seus contornos a partir de lembranças individuais, mas também coletivas. “Em outras palavras, o indivíduo participa de dois tipos de memórias”¹².

Nesse sentido, prevalece a concepção de que as duas formas de memória, individual e coletiva, são constituídas a partir da relação delas com a trajetória e a história de vida do

¹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 62-63.

¹² HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003. p. 71.

indivíduo. Conforme afirma Halbwachs¹³, a memória é composta pela junção das experiências que as pessoas carregam consigo em relação à percepção de tempo que elas têm. A memória individual nos remete a um tempo só nosso quando a buscamos num processo de rememoração. Assim, torna-se passível de ser concebida por interpretações do próprio indivíduo no seu tempo e espaço. Já a memória coletiva se compõe pelas lembranças do grupo e independem da presença física de alguns de seus membros. Esse tipo de memória corrobora-se por meio dos relatos de experiências e histórias de uma sociedade.

Gregorio Dati, no prólogo de sua obra, afirma que: “Em nome de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, vou registrar aqui algumas coisas particulares conhecidas por mim mesmo”¹⁴. Buonaccorso Pitti, também no prólogo de seu escrito, relata o processo de escrita a partir de suas lembranças, mas também de outros familiares, como o seu pai:

O ano de Nosso Senhor 1412. Neste ano eu, Buonaccorso Pitti, [...] comecei a escrever este diário. [...] Fui obrigado a recorrer a papéis pertencentes ao meu avô Buonaccorso, que estavam mal escritos e rasgados e geralmente em mau estado. No entanto, eu encontrei uma ou duas coisas neles sobre as quais eu me relacionarei mais adiante. Eu também gravarei informações sobre nossos antepassados que eu ouvi de meu pai Neri¹⁵.

As recordações de Gregorio Dati e de Buonaccorso Pitti referem-se ao que foi vivido, feito, sentido e pensado num determinado espaço e tempo. A partir dessa assertiva, observa-se que a memória é um elemento constitutivo de identidades e que está presente tanto no âmbito coletivo quanto no campo individual. Portanto, exerce um papel de suma importância nas narrativas autobiográficas e para além delas. É na ação de recorrer a essas lembranças que se têm acesso à memória, a qual faz parte de uma retenção afetiva dos traços e testemunhos que possibilitam a construção de um campo aberto às recordações¹⁶.

Partindo da perspectiva dos próprios mercadores, há diferentes tipologias de documentos que possibilitam ao historiador o estudo de vários elementos ligados a esse ofício no Medievo. Em seus livros de contabilidade, por exemplo, eles registravam a entrada e a saída de mercadorias. Os guias práticos, por sua vez, além de constar o inventário dos produtos, fornecem-nos informações sobre medidas, pesos, taxas alfandegárias, bem como as rotas comerciais. Constata-se ainda que as “crônicas familiares” se constituem como fontes

13 HALBWACHS, 2003, p. 71-73.

14 DATI, G. The diary of Gregorio Dati. In: BRUCKER, G. (ed.). *Two memoirs of renaissance florence: diaries of Buonaccorso Pitti and Gregori Date*. Long Grove, Illinois: Wavelend Press, 1994. p. 107-141. p. 107.

15 PITTI, B. The diary of Buonaccorso Pitti. In: BRUCKER, G. (ed.). *Two memoirs of renaissance florence: diaries of Buonaccorso Pitti and Gregori Date*. Long Grove, Illinois: Wavelend Press, 1994. p. 19-106. p. 19-20.

16 LE GOFF, 2003, p. 469; CATROGA, F. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 30.

relevantes para o estudo do universo em que esse ofício era tão estimado. Esses documentos nos revelam dados pessoais e familiares, como datas de seus nascimentos, casamentos e até mortes de integrantes de suas famílias¹⁷. Nesse contexto, conforme afirma Filipe Themudo Barata¹⁸, os mercadores, preocupados com as transações econômicas, criaram mecanismos de organização desse sistema, denominando-os de “manuais de conduta”¹⁹.

Além disso, esses homens de negócios, como afirma Aron Gurevic²⁰, mantinham uma vasta correspondência escrita por si ou ditadas a um secretário. Os diários e as cartas são denominados como ego-documentos²¹ ou documentos biográficos clássicos, que têm como finalidade a narrativa da história de uma vida particular e é narrada em primeira pessoa. Já na concepção de Giovanni Levi²², as biografias individuais têm como foco a apresentação de um indivíduo que agrega as características de um grupo. A esse respeito, Jacques Le Goff²³ questiona: “Que pode ser mais globalizante do que um indivíduo? Sobretudo se tratando de um indivíduo de certa importância, de uma certa visibilidade social”.

Nessa perspectiva, partindo-se dos relatos autobiográficos de mercadores como Gregorio Dati e Buonaccorso Pitti, compreende-se um campo de atuação que engloba elementos que extrapolam a esfera individual. Os diários, além de fornecerem dados sobre a vida e o cotidiano de seus autores, proporcionam informações acerca da época, do espaço e do ambiente de vivência ao qual pertenciam, fator que nos permite compreender o contexto histórico, social, familiar, bem como o trabalho do narrador.

Apesar do pai ter atuado no comércio de lã, Gregorio Dati, autor de uma das fontes em estudo, teve sua atuação mais ligada à venda de seda, sobretudo para cidades na Península Ibérica, como Valência. Em sua obra autobiográfica, menciona outros produtos que comercializava: pérolas e roupas. Esse mercador, que nasceu em 1362 na Florença, inicia o seu diário relatando no prólogo a proposta da escrita de sua obra:

Em nome de Deus, da Virgem Maria e de todos os Santos, possam eles me conceder saúde no corpo e na alma e prosperidade no negócio, relatarei aqui nossas atividades para ter um registro sobre elas [...] registrarei os assuntos secretos de nossa companhia

17 GUREVIC, A. O mercador. In: LE GOFF, J. (org.). *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989. p. 180.

18 BARATA, F. T. *Navegação, comércio e relações políticas: os portugueses no Mediterrâneo ocidental (1385-1466)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p. 54-55.

19 Felipe Themudo Barata menciona três desses manuais, produzidos nos séculos XIV e XV: a *Pratica della Mercatura*, de Francesco Balducci Pegolotti (c. 1342); o *Libro di Gabelle*, de Giovanni Antonio da Uzzano, (1440); e o *Libro di Mercatantie*, de Giorgio di Lorenzo Chiarini (1458-1470).

20 GUREVIC, 1989, p. 180.

21 Tipologia de documentos em que prevalece a escrita de si com o predomínio das emoções, lembranças e experiências pessoais do autor.

22 LEVI, 2006, p. 175.

23 LE GOFF, J. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 46.

e seu progresso a cada ano. Este livro pertence a Goro [Gregorio], filho de Stagio Dati, e devo chamá-lo de livro secreto²⁴.

O mercador florentino Buonaccorso Pitti comercializava lã, vinho e roupas. Ele inicia o prólogo de sua obra apresentando o ano de 1412 como o começo da escrita do diário, relatando as dificuldades em conseguir reconstruir a história de sua família a partir do acesso aos documentos e registros.

Foi meu objetivo registrar aqui tudo o que eu poderia recordar sobre a nossa linhagem e conexões familiares [...]. Se eu não consegui rastrear nossa história de volta às suas origens, a culpa é de um parente meu que manteve os papéis da família em sua guarda. Este foi Cioro [...] Depois de sua morte, e enquanto ela [filha de Cioro] ainda estava morando em casa, fomos vê-la e pedimos para ver os papéis da família e os registros que seu pai deve ter deixado. Ela respondeu que não sabia nada sobre eles, acrescentando que ela o viu queimando uma grande pilha de papéis. Ela estava claramente dizendo a verdade, apesar de pesquisar a casa, não conseguimos encontrar vestígios de papéis novos ou antigos²⁵.

Observa-se que no processo de reconstrução o autor da narrativa recorre aos “rastros”, ou seja, registros deixados pelos familiares. A esse respeito, Jeanne Marie Gagnebin afirma: “[...] o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente”²⁶.

Assim, os escritos de Gregorio Dati e Buonaccorso Pitti se constituem em livros de memórias acerca de suas trajetórias individuais ligadas ao ofício de mercador. Os autores recorrem à escrita como forma de registrar a história de suas vidas e de suas famílias. Portanto, conclui-se que esses diários são documentos autobiográficos e representam uma narrativa em que os autores apresentam suas histórias transcritas e interpretadas a partir de suas próprias visões e interpretações de mundo. No processo de composição dessas obras, preocupam-se em narrar histórias acessíveis às futuras gerações de suas famílias. Nessa perspectiva,

[...] a biografia enquanto relato é o resultado de memórias (ou mesmo esquecimentos) coletivas, individuais e sociais, constantemente negociadas e processadas, com vínculos com mitos, saberes, fazeres e tradições que se corporificam a partir de relações particulares com o tempo e o espaço, que não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais²⁷.

As obras autobiografias estão carregadas de subjetividade e, assim, o relato de vida do autor pode ser compreendido como um modelo de apresentação oficial de si, bem como uma representação de sua própria vida numa sequência de acontecimentos, pública e privada. A sua construção permanece inteiramente relacionada com a cultura do autor que assume o

24 DATI, 1994, Prólogo, p. 107.

25 PITTI, 1994, p. 19.

26 GAGNEBIN, 2009, p. 44.

27 AURELL, 2014, p. 340.

duplo papel de personagem e narrador, no qual busca materializar suas memórias mediante a organicidade dos fatos relatados²⁸.

Abordar relatos escritos em primeira pessoa requer inicialmente a compreensão de que a memória é um aspecto presente na forma como os autores constroem os seus relatos. Para reunir acontecimentos numa trama narrativa, o autor e também narrador recorta, seleciona e organiza o conteúdo de sua história de vida a partir de suas lembranças, mas também recorrendo ao depoimento de outras testemunhas. A esse respeito, compreende que “[...] é possível apreciar a conformidade da imagem da memória com a experiência primeira, originária: podemos reconhecer, nos reconhecer naquilo que já vivemos. A relação com o passado é íntima, viva, por vezes total”²⁹. Em relação ao processo de rememoração, nos relatos de Gregorio Dati e Buonaccorso Pitti, marcados pela recordação, a análise de si e o registro escrito, o reconhecimento do que foi vivido ocupa um papel central nas narrativas.

O OFÍCIO DO MERCADOR E A VIVÊNCIA EM FLORENÇA

Nas duas fontes autobiográficas em análise, Buonaccorso Pitti e Gregorio Dati optaram pela apresentação de uma narrativa cronológica dos fatos que consideram importantes em suas vidas. Após apresentarem o objetivo da composição de suas obras, os autores iniciam os relatos rememorando a trajetória individual entrelaçada com o início de suas atuações como mercadores.

Pitti, que começa a escrita de seu livro no ano de 1412, descreve que “Agora vou dar uma conta das viagens que fiz para diferentes partes do mundo após a morte do meu pai, em 25 de abril 1374. Que o Senhor tenha piedade dele”³⁰. Já Dati, por sua vez, ressalta que em abril de 1375, quando tinha 13 anos e após sete meses da morte do pai (faleceu em setembro de 1374), começou a trabalhar em uma loja de um comerciante de seda. Menciona que após cinco anos “Deixei Giovanni di Giano em 2 de outubro de 1380, passei quinze meses com a Guilda da Lã e voltei para ele em janeiro de 1382”³¹.

28 BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 189; SOUZA, C. M.; WANKLER, C. M. Algumas considerações sobre o uso de autobiografias como fontes na pesquisa histórica. *História e perspectiva*, Uberlândia, v. 47, p. 333-353, jul./dez. 2012. p. 350.

29 LORIGA, 2009, p. 20.

30 PITTI, 1994, p. 22.

31 DATI, 1994, Prólogo, p. 108.

Na escrita de si, o autor seleciona e escreve as memórias que deseja registrar. É nesse sentido que Gregorio Dati ressalta que “Em nome de Deus, continuarei este registro de minhas atividades que é bom ter por escrito para recordá-las”³². Dessa forma, escrever a própria história requer, por parte dos autores, uma seleção dos fatos mais marcantes, tendo como fio condutor a rememoração, a interpretação e a análise de suas vidas. Compreende-se, assim, que “Guardar, sem escolher, não é tarefa da memória. [...] Como a memória é uma seleção, é preciso escolher entre todas as informações recebidas, em nome de determinados critérios”³³.

Assim, as recordações relatadas pelos mercadores florentinos referem-se a suas vidas profissionais, afetivas e sociais experienciadas em distintos espaços. “As práticas da escrita de si [...] podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos e ritmos diversos: um tempo de casa, um tempo do trabalho etc”³⁴. Na apresentação de sua trajetória individual, Pitti informa acerca do seu matrimônio:

Eu próprio, Buonaccorso, casado com Francesca, filha de Luca, filho de Piero, filho de Filippo degli Albizzi e, do lado de sua mãe, de Monna Dianora, filha de Piero, filho de Neri del Palagio. [...] Francesca e eu tivemos onze filhos sete dos quais vivem: Luca, Roberto, Curradina, Madalena, Francesco, Primavera e Neri³⁵.

O mercador florentino Buonaccorso Pitti, em seus relatos de memórias, também fornece informações sobre a sua profissão. Na concepção de Aron Gurevic, Pitti é um homem de negócios e também um escritor que em sua obra assinala “notícias sobre todos os acontecimentos vividos durante a sua vida de aventuras, membros da sua família e os seus parentes, próximos e afastados, os duelos e as intrigas em que participou e os conflitos políticos de que foi testemunha”³⁶. Assim como o seu pai, que era comerciante de lã, ele também exerceu o ofício de mercador ao longo de sua vida. Em sua obra, Pitti registra as experiências vivenciadas no exercício de sua profissão abarcando o período entre 1374 e 1422. Em meio aos relatos, fornece informações sobre a cidade de Florença nos séculos XIV e XV, as viagens e também os acontecimentos ligados à sua família, como casamentos, nascimentos, doenças, mortes, etc.

A escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de “produção do eu”. [...] É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa³⁷.

32 DATI, 1994, Cap. 2, p. 112.

33 TODOROV, T. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000. p. 18.

34 GOMES, 2004, p. 13.

35 PITTI, 1994, p. 21-22.

36 GUREVIC, 1989, p. 177.

37 GOMES, 2004, p. 14; 16.

Para a construção de sua narrativa, Gregorio Dati, mesmo recorrendo a uma narrativa cronológica, apresentou-a a partir de uma trajetória carregada de idas e voltas que foram mapeadas de acordo com o processo de rememoração em que os fatos, compreendidos entre 1389 e 1428, foram dando forma à obra. Em relação às informações familiares, Dati nos informa que teve quatro esposas: Bandecca, Isabetta, Ginevra e Caterina. As duas primeiras companheiras faleceram devido a complicações na gravidez.

Em relação à gravidez e ao parto no contexto em estudo, os relatos de Dati comprovam que no Medievo o nascimento configurava-se como um momento de angústia, dor e incerteza, pois o parto apresentava perigo tanto para a mãe quanto para o bebê. Assim, observa-se na narrativa que a morte rondava a vida da mulher grávida, como aconteceu com a sua primeira esposa, que faleceu em 1390 em decorrência de complicações na gravidez: “Minha amada esposa, Bandecca, foi para o Paraíso após sofrer meses de uma doença iniciada por um aborto espontâneo no quinto mês de gravidez”³⁸. Em 22 de junho de 1393, Dati casou-se com Isabetta. No período de nove anos de matrimônio com sua segunda esposa, teve oito filhos: cinco meninos e três meninas. Em 1403, um ano após a morte de Betta, ele casou-se com Ginevra, com quem teve onze filhos: quatro meninos e sete meninas.

Além dos riscos de aborto, outro problema retratado pelo mercador florentino refere-se às complicações geradas após o parto. A sua esposa Betta, por exemplo, faleceu três meses após dar à luz, em 5 de julho de 1402, ao oitavo filho: “Nosso Criador teve o prazer de chamar para si a alma abençoada de Isabetta, conhecida como Betta, na segunda-feira, 2 de outubro [1402], entre as quatro e cinco horas da tarde”³⁹. Em relação aos riscos durante o parto, Dati relata que sua terceira esposa, Ginevra, no dia 24 de abril de 1416 teve uma menina “após um parto doloroso e quase fatal”⁴⁰. Anos depois, sua esposa “morreu no parto após longo sofrimento que suportou com notável sofrimento”⁴¹. Ana Rodrigues Oliveira afirma que no Medievo “os partos difíceis se arrastavam por vários dias, até se esgotarem as forças e a vontade das parturientes por entre sucessivos episódios de exaustão e perda da consciência [...]”⁴². Nessa perspectiva, o relato de Gregorio Dati nos possibilita considerar a quantidade de mortes que envolviam tanto as mães quanto os bebês, sobretudo problemas como o aborto e quesitos relacionados aos partos. E como

38 DATI, 1994, Cap. 2, p. 112.

39 DATI, 1994, Cap. 5, p. 117.

40 DATI, 1994, Cap. 9, p. 128.

41 DATI, 1994, Cap. 11, p. 132.

42 OLIVEIRA, A. R. Nascer e morrer em Portugal, na Idade Média. In: SOARES, C. E. et al. (coord.). *Phármakon do combate da enfermidade à invenção da imortalidade*. CITCEM – Centro de Investigação transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2018. p. 113-124. p. 116.

o autor não registra os seus últimos oito anos de vida, não constam informações sobre a morte de Caterina. De seu matrimônio com Caterina, iniciado em 1421, teve cinco filhos⁴³.

No que se refere à vida das crianças, o nascimento bem-sucedido era apenas a primeira etapa, pois “o espectro da morte continuava a rondar o pequeno ser acabado de sair do aconchego do ventre materno”⁴⁴. Dati menciona a morte dos filhos, mas na maioria das vezes não especifica a enfermidade. Consta normalmente que faleceu “após uma longa doença” ou morreu mais tarde. Na análise, observa-se a perda das crianças em diferentes etapas, desde bebê recém-nascido até com mais de 7 anos.

Nos relatos sobre os fatos ocorridos no ano de 1422, Dati aponta que só lhe restaram cinco de seus 20 filhos, frutos de seus três primeiros casamentos. A maioria faleceu vítima da peste⁴⁵ em Florença. Afirma que, em 1420, “Deus que mostra sabedoria em todas as coisas, permitiu que a praga assolasse nossa casa. [...] adoeceram e partiram desta vida. Todos traziam as marcas⁴⁶ da praga”⁴⁷. A pestilência causou a morte de duas filhas (Sandra e Antônia) e também de dois criados da casa (Paccino e Marta). Mesmo mudando de habitação, a doença continuou dizimando sua família, causando a morte de mais três filhas (Verônica, Anna e Pippa).

Na perspectiva médica medieval, há uma estreita relação entre o ar corrompido, aquele que tem sua qualidade e substância afetadas, e o surgimento de enfermidades pestilentas. Assim, nos regimentos de epidemia⁴⁸, escritos médicos compostos no contexto da peste no século XIV, predominava uma preocupação central com o ar do entorno do paciente, concebido como um elemento essencial para a manutenção da saúde. Nesse sentido, quando o ar está putreficado e gerando doenças epidêmicas, os físicos recomendavam aos seus pacientes mudarem-se para outro local em que o ar possuísse qualidades puras e legítimas, livres de qualquer elemento nocivo⁴⁹.

43 DATI, 1994, Cap. 13, p. 135-136.

44 OLIVEIRA, 2018, p. 117.

45 A cidade de Florença vivenciou no século XIV a epidemia que dizimou parte dos habitantes. E no século seguinte continuou agindo e causando morte, conforme relatado pelos mercadores florentinos em seus escritos autobiográficos.

46 Apesar de o autor Gregorio Dati não descrever as marcas da peste em seu diário, em escritos médicos do período, como o *Tratado sobre a Peste* do físico árabe de Almeria Ibn Játima (1324 – 1369), identificam-se os seguintes sintomas para a peste: feridas na pele, gânglios linfáticos inchados, bubões nas axilas, virilhas, atrás das orelhas ou nas áreas circundantes, úlceras negras em várias partes do corpo. Era acompanhado ainda dos seguintes sintomas: febre, vômito, tosse etc. IBN JÁTIMA. *Tratado sobre a Peste* (1349). In: CAMBRA, L. M. A. *El Tratado de la Peste de Ibn Játima: Cuestiones I-VI*. Berlín: Logos Verlag, 2014.

47 DATI, 1994, Cap. 11, p. 132.

48 O termo regimentos de epidemia refere-se a uma tipologia de escrito médico do Medievo. As obras que se inserem nesse gênero da literatura médica são classificadas como escritos dietéticos, ou seja, possuem preceitos destinados à preservação da saúde em contextos de epidemia. No século XIV, houve a produção desse tipo de obra, não direcionada à saúde individual como os regimentos de saúde, mas redigidos pensando num público maior, geralmente habitantes de uma cidade em tempos de pestilência. Na Península Ibérica, além do *Tratado sobre a peste* de Ibn Játima, temos como exemplo de escritos que se inserem na tipologia de regimentos de epidemia, o *Regimento de preservação da pestilência* do físico e mestre na Universidade de Lérida, Jacme d’Agramont (? – 1348). JACME D’AGRAMONT. *Regiment de Preservació de Pestilència* (1348). In: VENY, J. (org.). *Regiment de Preservació de Pestilència – Jacme d’Agramont*. Barcelona: L Abadia e Montserrat, 2016.

49 FAGUNDES, M. D. da C. A peste e os preceitos dietéticos no Regimento de Preservação da Pestilência (Lérida, 1348). *Brathair*, [s.

A esse respeito, em seus relatos, Buonaccorso Pitti rememora a perda de familiares no final do século XIV, em função da pestilência, por exemplo o irmão e o sobrinho. Posteriormente, quando já atuava como mercador, no momento da escrita de sua obra, no início do século XV, menciona que cidades como Bolonha vivenciava a epidemia. Além disso, procurou evitar lugares em que o ar e o ambiente estivessem corrompidos: “[...] retornei a Florença, onde fiquei até 25 de abril de 1411, quando levei minha família para Pisa para escapar da Praga que irrompeu em Florença”⁵⁰. Por sua vez, Gregorio Dati e seus familiares, impedidos de irem para outra cidade ou para o campo, mudaram para duas casas diferentes em Florença e mesmo assim não conseguiram ficar livres da doença.

No presente âmbito de análise, além da descrição de acontecimentos na esfera familiar, as narrativas de Buonaccorso Pitti e Gregorio Dati fornecem dados para o estudo sobre a escrita de si e o ofício de mercador. Nos relatos, observa-se que o exercício do ofício dos autores esteve situado no contexto urbano, sobretudo em cidades na Península Itálica, na França e na Península Ibérica, onde a atuação profissional deles como mercadores mereceu certo destaque. As cidades comerciais se sobressaíam no tecido econômico, social e político a esse tempo e conseqüentemente ocupam bastante espaço nas narrativas. Além disso, configuram-se como ponto de encontro de diferentes povos e culturas. Nesse período, compreende-se que a cidade “é a terra onde melhor se pode semear o espírito comercial [...] No fundo, a cidade é o *vicus* do mercador”⁵¹.

Ao registrar os acontecimentos de sua vida e também de seus familiares, Buonaccorso Pitti cita, em seu livro de memórias, várias cidades por onde circulou no desempenho de seu ofício de mercador: Florença, Siena, Veneza, Genova, Milão, Verona, Nápoles, Modena, Roma, Lucca, Pádua, Paris, Avinhão, Toulouse, Zagreb etc. Dentre todas as localidades, a cidade italiana de Florença, localizada na região da Toscana, ocupou lugar central em seus relatos, pois além de ser sua cidade natal foi também o lugar onde ele passou a viver após o período inicial de sua atuação como mercador. “Cheguei a Florença no final de maio de 1396 [...] Voltei para Florença, passei um mês em Bolonha e voltei novamente para Florença [1309]”⁵².

Essa circulação motivada pelas atividades comerciais também é identificada nos relatos de memórias redigidos por Gregorio Dati, haja vista que, em sua atuação como mercador, menciona que viajou por várias cidades, como: Florença, Gênova, Nápoles, Pisa, Bolonha,

l.], v. 20, n. 2, p. 167-168, 2020. p. 179.

50 PITTI, 1994, p. 87.

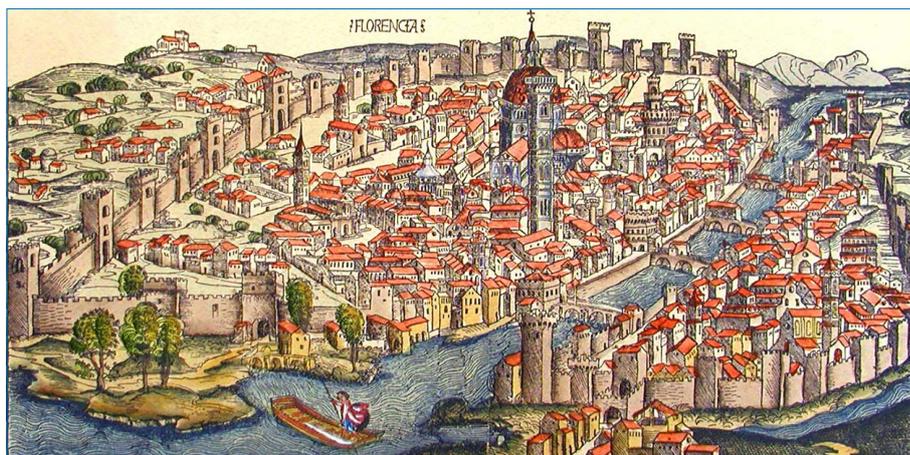
51 AURELL, J. *A cultura do mercador na Barcelona do século XV*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2008. p. 40.

52 PITTI, 1994, p. 54; p. 86.

Montpellier, Valência, Barcelona, Murcia etc. Em relação a essas localidades, observa-se uma menção mais constante de deslocamentos envolvendo Florença e cidades no reino de Aragão, como Valência, Barcelona e Murcia: “Parti para Valência a negócios da companhia em 1 de setembro de 1390 e cheguei lá em 26 de outubro. [...] A contabilidade que fiz dos nossos negócios está lançada no livro branco [...]. A companhia não pagou nenhuma de nossas despesas para essa viagem”⁵³.

Florença era a terra natal tanto de Gregorio Dati quanto de Buonaccorso Pitti, e se tornou o palco de ação desses dois mercadores, merecendo destaque em seus relatos narrados. A esse respeito, Jacques Le Goff afirma: “Sua cidade: é nela que eles pensam frequentemente. Ela ocupa o primeiro lugar em suas preocupações e afeições. [...] Sua cidade é o centro, a base de seus negócios e de seu poder”⁵⁴. Na figura a seguir, observa-se a representação da cidade de Florença no final do século XV.

Figura 1 - Florença no século XV



Fonte: Hartmann Schedel (1493)⁵⁵

A imagem acima retrata a vista da cidade de Florença representada no *Liber Chronicarum* (*Livro de Crônicas*), também conhecido como *As Crônicas de Nuremberg*, em referência à cidade onde foi publicado, em 1493. Esse escrito, composto em latim e de autoria de Hartmann Schedel (1440-1514), descreve a história do mundo cristão até o século XV e aborda também elementos históricos, informações geográficas e ilustrações acerca de algumas cidades (Nuremberg, Florença, Jerusalém, Bizâncio, etc). Observa-se na pintura que Florença era fortificada por muralha com inúmeras torres e, em destaque, tem ao centro, a Basílica de

53 DATI, 1994, Cap. 1, p. 110.

54 LE GOFF, J. *Mercadores e Banqueiros na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 127.

55 SCHEDEL, H. *Liber Chronicarum*. Nuremberg: [s. n.], 1493. p. 218-219.

Santa Maria del Fiore, fundada no século XIII. O rio Arno divide a cidade em duas partes, que são ligadas por quatro pontes: Vecchio, Santa Trinita, Alla Carria e Alle Grazie. Ao longo de seus relatos, tanto Buonaccorso Pitti quanto Gregorio Dati citam lugares da cidade de Florença, por exemplo, Igrejas, Palácios e construções próximas ao rio Arno.

Para exercer o ofício, Buonaccorso Pitti e Gregorio Dati necessitavam do domínio de saberes que possibilitavam o exercício de seus trabalhos. “A atividade comercial exigia preparação e mesmo instrução. O mercador analfabeto dificilmente teria podido ser bem-sucedido nos seus negócios”⁵⁶. Assim, precisam ter o conhecimento da escrita, o entendimento de acordos e contratos comerciais, o domínio de línguas estrangeiras e elementos culturais das localidades onde mantinham relações comerciais.

O estudo das línguas estrangeiras era atribuído uma enorme importância; os filhos dos mercadores italianos aprendiam o inglês e o alemão e os alemães da Hansa aprendiam mesmo o russo, que lhes era necessário não só para fazer negócio em Novgorod, mas também para comunicarem com os seus agentes nos territórios do Báltico. Tendo em atenção os mercadores, copilavam-se vocabulários e coletâneas de frases e até manuais para o estudo das línguas orientais. As línguas mais correntes de comunicação internacional eram o italiano (no Mediterrâneo) e do alemão médio-baixo (no Báltico)⁵⁷.

Esses saberes teóricos e práticos são ressaltados por Gregorio Dati em sua narrativa: “Em 15 de abril de 1375, quando já havia aprendido aritmética suficiente, fui trabalhar na loja do comerciante de seda pertencente a Giovanni di Giano e seus sócios. Eu tinha treze anos e ganhei a estima deles”⁵⁸. O domínio acerca de cálculos matemáticos⁵⁹ e o manuseio de instrumentos e manuais aritméticos eram essenciais na profissão dos mercadores. Ao longo das duas obras autobiográficas, os autores registram a contabilidade referente aos investimentos destacando os ganhos e também os prejuízos. Considerando o conhecimento nesse campo, os manuais de mercadores, por exemplo, eram constituídos de três etapas:

[...] primeiro aperfeiçoavam a introdução à língua latina; segundo criavam uma Escola que transmitisse o conhecimento e favorecessem os cálculos – ábaco e algoritmo, isto é, aritmética e algarismos romanos uma casa decimal -; terceiro realizava-se a iniciação às noções prévias para o ofício de mercador, o que ocorria entre as idades de 13 e 15 anos⁶⁰.

56 GUREVIC, 1989, p. 178.

57 GUREVIC, 1989, p. 179.

58 DATI, 1994, Prólogo, p. 107.

59 LE GOFF, 1991, p. 32.

60 TANGHERONI, M. *Commercio e navigazione nel Medioevo*. Roma: Editori Laterza, 1996. p. 293; SOUSA, C. T. *Entre o desterro dos judeus e o fechamento dos portos portugueses no reinado de D. Manuel I (1495 – 1521): os caminhos trilhados pelos cristãos-novos após o édito*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. p. 167.

Nota-se que para exercer essa atividade os jovens frequentavam escolas e eram ensinados a manter boas relações com os seus negociantes, desempenhar bem o trato para com eles e dominar as operações matemáticas e cálculos, demonstrando o quanto era relevante desenvolver seu ofício com segurança e eficácia para mantê-lo em alta.

Além disso, a profissão requeria conhecimento no campo da geografia, sobre os mapas cartográficos, as rotas marítimas, o uso de instrumentos para a navegação, principais portos e cidades comerciais etc.⁶¹ Todos esses saberes eram essenciais para as viagens, visando à compra e à venda de mercadorias. Buonaccorso Pitti, por exemplo, escreve em primeira pessoa as suas experiências com os deslocamentos em função de seu ofício:

Fui para Florença em maio de 1388 [...]. Voltei a Paris, mas pouco depois saí para seguir o rei [Carlos VI da França], que tinha partido para Avinhão e Toulouse [...] depois do Natal viemo-nos embora [...]. Fui para a Holanda, onde ganhei grande soma. Depois de um breve retorno a Paris, saí de novo para a Inglaterra em companhia do conde de Saint-Pol e de um número de cavaleiros que iam para lá participar de algumas justas e torneios⁶².

O florentino Gregorio Dati também menciona em seu relato as cidades situadas na Itália, na França e na Península Ibérica, demonstrando, assim, a mobilidade no Medievo e as interações e conexões, sobretudo por questões comerciais. O seu relato é permeado por informações de cunho pessoal e familiar e também há dados sobre os lucros obtidos nas negociações. Essa é uma característica comum em escritos de si. O autor, narrador e personagem cria a narrativa procurando “cobrir um período de tempo ordinário em suas múltiplas temporalidades: a do trabalho, da casa, dos sentimentos íntimos, do lazer e do cotidiano”⁶³.

No Ocidente medieval, grupos de homens, movimentavam-se continuamente e enfrentavam provações nos deslocamentos. A via fluvial era uma das mais utilizadas. No entanto, recorriam também a viagens pelo mar. Ademais, havia um fluxo constante de pessoas em rotas terrestres, viajando por terra no lombo de animais ou em carroças. Assim, o período em estudo foi marcado pela circulação de pessoas de diversas condições e impulsionadas pelos motivos mais variados: questões religiosas, diplomáticas, bélicas, comerciais, etc.⁶⁴

Buonaccorso Pitti narra que em 1396, no retorno de Paris para Florença, seguindo conselho de um cardeal de Florença (Corsini), optou por fazer a viagem por terra. Depois soube

61 GUREVIC, 1989, p. 179.

62 PITTI, 1994, p. 54.

63 GOMES, 2004, p. 18.

64 GARCIA FITZ, F. El Viaje de la guerra. In: DUARTE, J. I. de la I. (org.). *Viajar en la Edad Media*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2009. p. 135; FAGUNDES, M. D. da C. A atuação do físico catalão Arnaldo de Vilanova em questões diplomáticas do Reino de Aragão (Séculos XIII e XIV). *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 71-92, 2022. p. 77.

que “O navio que deveríamos tomar naufragou no mar e todos a bordo morreram afogados”⁶⁵.

Do mesmo modo, Gregorio Dati também relata problemas enfrentados nas viagens realizadas:

[...] Parti para Valência em setembro de 1393, a fim de resolver os problemas lá, mas não fui além de Gênova. Quando cheguei à Riviera, fui assaltado por uma galera de Briganzone e retornei a Florença na 14 de dezembro [...] Saímos de Florença em 12 de novembro de 1408, viajamos por terra e, após uma viagem muito cansativa e um inverno rigoroso, chegamos a Murcia em 30 de dezembro⁶⁶.

Ao escrever a sua trajetória individual, os mercadores em estudo abordam também os problemas enfrentados no exercício de sua profissão, sejam as péssimas condições das estradas, os perigos nas viagens marítimas, como os naufrágios, as dificuldades no deslocamento ou os riscos de assaltos. Do mesmo modo, compreende-se pelos relatos que independente das condições das estradas e de transporte, o homem medieval movimentava-se continuamente mesmo havendo provações nesses deslocamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos escritos autobiográficos, os autores ordenam, reorganizam e narram suas histórias de vida numa trajetória em que predomina um eixo cronológico, mesmo que marcado por idas e vindas nas datas e acontecimentos contados. Nessa tipologia de documento literário e histórico, marcados pela escrita em primeira pessoa, o objetivo da composição é deixar para posteridade os registros de acontecimentos que os próprios narradores/personagens consideram importantes em suas histórias de vida.

Os mercadores Buonaccorso Pitti e Gregorio Dati, no início de suas obras, apresentam como objetivo para a composição o registro da história pessoal e familiar. Assim, partindo de um estudo comparativo dos relatos presentes nos dois diários, é possível a realização de uma abordagem historiográfica elencando similitudes e diferenças entre as narrativas dos dois mercadores. Em ambos os escritos, observa-se uma linha cronológica na descrição dos fatos, mas ao contrário de Pitti, que narra acontecimentos em sequência, de 1374 a 1422, Dati, mesmo apresentando dados de 1384 a 1427, tem sua escrita marcada por idas e vindas. Outro ponto diferente nas duas narrativas refere-se aos aspectos familiares. Em seu Diário, Gregorio Dati, ao contrário de Buonaccorso Pitti, relata com riqueza de detalhes aspectos relacionados aos casamentos, filhos, doenças e mortes.

65 PITTI, 1994, p. 56.

66 DATI, 1994, Prólogo, p. 107.

Por fim, identificam-se nas duas narrativas as experiências dos dois mercadores florentinos no desempenho das negociações e o domínio dos elementos necessários para o exercício do ofício de mercador. Ao tecerem a reconstrução de suas vivências em Florença e também em várias outras cidades, Buonaccorso Pitti e Gregorio Dati apresentaram os benefícios da atuação no campo do comércio. Ambos listaram ao longo de seus escritos a aquisição de várias propriedades, como casas, terras e também cavalos, utensílios, mobília etc. Assim, no processo de seleção dos fatos que consideraram mais importantes a serem registrados, prevalece uma mescla de informações pessoais de cunho familiar com as do campo profissional. Portanto, os documentos concebidos como escritas de si ou autobiográficos são fontes ricas para o estudo do cotidiano e de informações sobre os ofícios exercidos, bem como abordam modos de vida e/ou sobrevivência de si e de seus familiares, e para tanto, utilizam-se de recortes espaço temporais específicos de cada período de suas vivências.

REFERÊNCIAS

FONTES

PITTI, B. The Diary of Buonaccorso Pitti. In: BRUCKER, G. (ed.). *Two memoirs of renaissance florence: diaries of Buonaccorso Pitti and Gregori Date*. Long Grove, Illinois: Wavelend Press, 1994. p. 19-106.

DATI, G. The Diary of Gregorio Dati. In: BRUCKER, G. (ed.). *Two memoirs of renaissance florence: diaries of Buonaccorso Pitti and Gregori Date*. Long Grove, Illinois: Wavelend Press, 1994. p. 107-141.

IBN JÁTIMA. Tratado sobre a Peste (1349). In: CAMBRA, L. M. A. *El Tratado de la Peste de Ibn Játima: Cuestiones I-VI*. Berlín: Logos Verlag, 2014.

D'AGRAMONT, J. Regiment de Preservació de Pestilència (1348). In: VENY, J. (org.). *Regiment de Preservació de Pestilència – Jacme d'Agramont*. Barcelona: L Abadia e Montserrat, 2016.

SCHEDDEL, H. *Liber Chronicarum*. Nuremberg: [s. n.], 1493. Disponível em: <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-INC-00000-A-00007-00002-00888/1> Acesso em: 14 jun. 2023.

OBRAS GERAIS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

AURELL, J. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. *História*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 340-364, jan./jun. 2014.

- AURELL, J. *A cultura do mercador na Barcelona do século XV*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2008.
- BARATA, F. T. *Navegação, comércio e relações políticas: os portugueses no Mediterrâneo ocidental (1385-1466)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLOCH, M. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: BLOCH, É. (org.). *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.
- CATROGA, F. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- FAGUNDES, M. D. C. A peste e os preceitos dietéticos no Regimento de Preservação da Pestilência (Lérida, 1348). *Brathair*, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 167-168, 2020.
- FAGUNDES, M. D. da C. A atuação do físico catalão Arnaldo de Vilanova em questões diplomáticas do Reino de Aragão (Séculos XIII E XIV). *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 71-92, 2022.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GARCIA FITZ, F. El Viaje de la guerra. In: DUARTE, J. I. de la I. (org.). *Viajar en la Edad Media*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2009. p. 135-191.
- GOMES, A. C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Â. de C. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.
- GUREVIC, A. O mercador. In: LE GOFF, J. (org.). *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989. p. 165-189.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- KLINGER, D. I. *Escritas de si, escritos do outro*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.
- LE GOFF, J. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LE GOFF, J. *Mercadores e Banqueiros na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

- LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.
- LORIGA, S. A tarefa do historiador. In: GOMES, A. C.; SCHMIDT, B. B. (org.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 13-37.
- NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso: 2 de mar. 2023.
- OLIVEIRA, A. R. Nascer e morrer em Portugal, na Idade Média. In: SOARES, C. E. *et al.* (coord.). *Phármakon do combate da enfermidade à invenção da imortalidade*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2018. p. 113-124.
- SCHMIDT, B. B. História e biografia. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-205.
- SOUSA, C. T. *Entre o desterro dos judeus e o fechamento dos portos portugueses no reinado de D. Manuel I (1495 – 1521): os caminhos trilhados pelos cristãos-novos após o édito*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- SOUZA, C. M.; WANKLER, C. M. Algumas considerações sobre o uso de autobiografias como fontes na pesquisa histórica. *História e Perspectiva*, Uberlândia, v. 47, p. 333-353, jul./dez. 2012.
- TANGHERONI, M. *Commercio e navigazione nel Medioevo*. Roma: Editori Laterza, 1996.
- TODOROV, T. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.

Recebido em:21/03/2023 – Aprovado em: 25/05/2023